

Entre as feras da música

Fotos: Divulgação

/ **DESTAQUE** /
Música e amizade
fraterna unem
dois bambas:
professor da
Unicamp Júlio
Pugliesi e cronista
Zeza Amaral

ca Regional pelo seu trabalho no disco *Clareia*, do também campineiro Zeza Amaral, cidadão que hoje tem uma legião de fãs escrevendo crônicas no **Correio Popular**.

Bem, mais que uma reportagem sobre música, na verdade esta é uma matéria sobre a amizade fraterna entre os dois, e sobre a carreira profissional de um cidadão que encarou modismos de uma época para se tornar um instrumentista respeitado - com cadeira em orquestras consagradas - e com atuação decisiva na organização do Departamento de Música da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**.

Pugliesi, hoje, mora em uma chácara no bairro Guarará, em Barão Geraldo. No estúdio, ele guarda troféus, discos, instrumentos. Tem a vida pacata de quem, aos 70 anos, prefere ficar bem longe da barulheira e da poluição do Centro. E, ali dentro, cada peça preserva uma memória.

O cenário lhe remete, por exemplo, aos nebulosos anos 60. Enquanto coturnos e mosquetões davam ordens, a garotada ouvia The Beatles e se divertia cantando e tocando em bares. Pugliesi, adolescente ainda, ri ao lembrar dos músicos carentes que faziam passeata no Rio contra a guitarra.

Mas, ironia do destino. Teve uma noite em que o rapaz, roqueiro assumido, foi ao inesquecível restaurante Armorial e assistiu à apresentação de um conjunto fantástico. Tinha Arnoldo no piano, Cavaletti na bateria e Ditinho dos Santos no contrabaixo.



Paulo Pugliesi, um dos fundadores do Departamento de Música da universidade, coleciona vários troféus, entre eles o disputado Prêmio Sharp

Era aquela música comportada, elegante, no estilo do consagrado Zimbo Trio. E não é que o roqueiro se apaixonou? E o detalhe principal. O baixista, Ditinho, de ofereceu para ensinar ao rapaz os segredos do instrumento. Tu-

do de graça. As aulas aconteciam na casa do adolescente, lá no Botafogo. Pronto. A solidariedade revelou um talento.

Pugliesi, de imediato, conseguiu uma cadeira na antiga Sinfônica de Campinas,

que tinha como regente o maestro Luiz de Tullio. Era um menino, de 20 e poucos anos, no meio de instrumentistas experientes, de cabelos brancos. Dali, o jovem brilhou na Sinfônica de São Paulo por dois anos, regido por

Eleazar de Carvalho. E, já conhecido e respeitado, foi contratado pela **Unicamp** e ajudou a fundar os cursos de música erudita e música popular.

LEIA MAIS NA PÁGINA A28

Rogério Verzignasse
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
rogerio.verzignasse@rac.com.br

Há exatos 30 anos, as câmeras do Brasil inteiro estavam voltadas para o auditório do elegante Hotel Nacional, do Rio de Janeiro. Astros da música chamados ao palco recebiam o cobiçado Prêmio

**Banda do Armorial
fez jovem roqueiro
abandonar a guitarra**

Sharp, que, em sua primeira edição, prometia se tornar o *Grammy* brasileiro. E, entre feras do quilate de Tom Jobim, Milton Nascimento, Caetano e Luiz Gonzaga, brilhou um campineiro. Paulo Pugliesi faturou o troféu de melhor arranjador na categoria Músi-

Camaradagem sonora

Fotos: Divulgação

/ NA PAUTA /
Vida leva músicos para caminhos diferentes, mas reencontro é certo

O convite do Zeza Amaral para Paulo Pugliesi ser arranjador de um disco chegou em meados da década de 80. Na verdade, os dois já eram grandes camaradas. Zeza tinha feito parte da Banda do Brejo, que tocava em bailes pelo Brasil todo. Conjunto que tinha, entre os fundadores, o tecladista Zé Luiz Rivero, parente do arranjador.

Trilhas distintas, mas sempre embaladas por música de qualidade

Juntos, os dois também participaram do *Projeto Guarani*, produzido e dirigido por Zeza em 75. No evento, Pugliesi foi premiado pela condução de arranjos para orquestra. Foi a partir daquele evento que a Sinfônica de Campinas se notabilizou pela execução de músicas populares, em apresentações nos bairros.

Então, veio naturalmente o convite para que Pugliesi fizesse o arranjo para as faixas do disco *Clareia*. O detalhe, no entanto, é que a gravadora colocou à disposição da dupla um time de instrumentistas de primeira. Privilégio raro. Um deles, por exemplo, era Oswaldinho do Acordeon. "A RCA tinha uma orquestra. O disco do Zeza foi gravado com oboé, flauta, sax, trombone... Até eu fiquei surpreso com o resultado", conta o arranjador.

Mas surpresa mesmo foi o aviso telefônico da gravadora sobre a conquista do prêmio. A dupla ganhou a passagem de avião, e dividiu os assentos da plateia com as feras consagradas.

De volta a Campinas, com o troféu na mão - e um prê-



Paulo Pugliese (acima) faz, juntamente com um time de profissionais de primeira, os últimos retoques na partitura; ao lado, o jornalista da RAC Zeza Amaral, autor do disco *Clareia*, vencedor do Prêmio Sharp

mio em dinheiro "que não deixava ninguém rico", segundo Paulo Pugliesi - os amigos seguiram caminhos distintos. Zeza Amaral, além de cantor e compositor, desde a década de 70 era repórter policial e cronista do *Diário do Povo*. Seguiu no jornal, e não gravou mais disco algum. Ele lembra que, apesar de premiado, não foi prestigiado pela gravadora, que logo em seguida se desfez do próprio patrimônio.

Pugliesi usou seu talento para arrumar uma rendinha extra em outro setor, o da propaganda, e passou a compor arranjos para peças publicitárias. Mas, até 2002, ele trabalhou e sobreviveu como profes-

sor do Departamento de Música da *Unicamp*, e de lá só saiu quando se aposentou. Hoje, ele diz que nem seria reconhecido se passasse por lá. Mas admite que teve o prazer imenso de ajudar na formação de centenas de músicos.

Os dois amigos não se encontram há um tempão. Desde a época da mesinha de bar, com os amigos ao redor. Mas a dupla se entusiasmou com as entrevistas (individuais) para esta reportagem. E já estão marcando uma prosa lá pela chácara do Guará, regada à muita música boa e lembranças melhores ainda. (Rogério Verzignasse/Da Agência Anhanguera)

